



HABITAR A PAISAGEM DA PÉROLA DO CAETÉ

Ricardo Costa Amaral, Universidade Federal do Pará, ricardoappa@gmail.com
Yvens Ely Martins Cordeiro, Universidade Federal do Pará, yemcordeiro@ufpa.br

Resumo

Os seres humanos realizam transformações ao se apropriar e habitar a paisagem, essas atividades se intensificam com a expansão do desenvolvimento econômico que no processo de urbanização das cidades modifica o espaço do ambiente natural, porém esse processo de criação social produz problemas, por exemplo a poluição dos rios. Nesse cenário, a principal relação entre o homem e o ambiente se dá pela técnica que é um conjunto de meios instrumentais e sociais pelos quais o homem vive e cria o espaço. Assim, conforme Martin Heidegger é impossível habitar sem construir. Destarte, esse artigo tem o objetivo de discutir a paisagem habitada na cidade de Bragança, no estado do Pará, e de maneira específica o seu processo de urbanização e a poluição dos rios Caeté e Cereja. Nesse propósito, aplica-se a pesquisa qualitativa numa abordagem fenomenológica com a utilização da observação, da descrição e de indutores não escritos. Outrossim, investiga-se o processo de urbanização como construto híbrido no qual todos, humanos e não humanos, são atuantes no processo de transformação, contudo é uma questão de sobrevivência perceber qual transformação ocorre e como mudar o sentido dessa mutação da paisagem para criar uma nova realidade sustentável para o mundo.

Palavras-chave: Urbanização, Fenomenologia, Habitar, Paisagem, Poluição de rios.

1. Introdução

Os seres humanos realizam transformações ao se apropriar e habitar a paisagem; as ações se intensificam em razão da expansão do desenvolvimento econômico que no processo de urbanização das cidades modifica o espaço do ambiente natural, essa metamorfose ocorre em conexão com o crescimento das construções urbanas e da mutação da natureza as quais tem o objetivo de favorecer a fixação e o bem-estar das pessoas, porém o processo de criação social produz problemas como a poluição dos rios o que limita a homeostase dos ecossistemas em diversas escalas.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 | evento
23/11 | 100% online
24/11 | e gratuito

Nesse contexto, a atual construção de um novo modelo civilizatório é imbricada na mutação da realidade social, econômica, ambiental, cultural e legal que se incorpora aos modelos de planejamento urbano e da paisagem das cidades, assim a arquitetura é a guardiã de uma estrutura cultural, pois compartilha valores, ideias e concepções do período que acontece. Também, o processo possui implicações na sociedade e nas alterações e ressignificações da dinâmica da cidade que no panorama da sustentabilidade é constituída por etapas de menor impacto humano e ambiental nas condicionantes que interferem nas formas de habitar a paisagem (MÜLFARTH, 2002; ÁLVARES; DIAS, 2008; FREITAS; FREITAS, 2016; MIGLIORINI, 2018; WEHMANN, 2019).

Assim sendo, o ambiente em seus múltiplos aspectos, materiais e imateriais, e objetivos e subjetivos, se vincula aos campos de relações biofísicas e/ou as relações sob o viés sociocultural e perceptivo, entretanto a principal relação entre o homem e o ambiente se dá pela técnica que é um conjunto de meios instrumentais e sociais pelos quais o homem vive e cria o espaço. Por isso, conforme Martin Heidegger é impossível habitar sem construir (ao menos, simbolicamente), logo se pensa numa paisagem habitada por seus habitantes, os humanos (SANTOS, 2006; SCHLEE *et al*, 2009; WEHMANN, 2019).

Nessa realidade, a urbanização é parte constituinte do processo de estruturação da sociedade e do território, esse processo gera fixos e fluxos que tem uma resultante que se expressa espacialmente, portanto a compreensão do espaço é conjugada à urbanização em um processo histórico-espacial com desdobramentos socioeconômicos, nos quais “cada atividade é uma manifestação do fenômeno social total”. Por isso, as novas realidades sociais são incorporadas ao planejamento urbano e da paisagem, de modo que as questões sistêmicas e ecológicas são a base do uso do solo, ou seja, a sustentabilidade é um fator de limite na reconfiguração das relações entre sociedade e natureza (LIMONAD, 1999; SANTOS, 2006, p. 86; ÁLVARES; DIAS, 2008).



Ademais, a natureza e a cultura existem em interrelações e constituem uma realidade que não é expressa considerando-se em separado as partes que as compõe, no entanto são um todo que se chama paisagem, por conseguinte a paisagem é uma associação divergente de formas ao mesmo tempo natural e cultural que modelam a Terra, porque a própria noção de natureza transformou-se para uma “desnaturalização” dos ambientes, mesmo os mais intocados como a Amazônia, de tal forma que aponta-se para a construção social a partir das interações entre as sociedades e os demais elementos do meio ambiente (SAUER, 1998; VELDEN; BADIE, 2011).

Outrossim, para analisar essa realidade o antropólogo Timothy Ingold num conjunto de referências retiradas da fenomenologia repensa o habitar e o reinseri “na experiência intencional do humano definido como um organismo vivo que empresta valor e significado sensíveis ao ambiente que habita” (LENCASTRE, 2006, p. 2). Portanto, é na perspectiva do habitar que se busca superar a dicotomia entre “dois mundos” o da natureza e o da sociedade, e de recolocar o ser humano e o povir na subsistência do mundo da vida (INGOLD, 2015).

Destarte, esse artigo tem o objetivo de discutir a paisagem habitada da cidade de Bragança localizada no estado do Pará, e de maneira específica o seu processo de urbanização e a poluição dos rios Caeté e Cereja. Nesse propósito, usa-se a pesquisa qualitativa numa abordagem fenomenológica com a utilização da observação e de indutores não escritos.

2. Fundamentação teórica

A urbanização é parte integrante do processo de estruturação social e espacial, porém o espaço se transforma com novos meios técnico-científicos, assim muda-se as formas de apropriação da natureza pelo homem, nesse contexto a urbanização não é só aglomeração de pessoas, equipamentos e infraestruturas, visto que assume um formato disperso em segmentos a escala do território, outrossim conforme indica Milton Santos na urbanização do território



ocorre “num movimento de construção de novos espaços e destruição/apropriação de espaços pretéritos” (LIMONAD, 1999, p. 78).

Nessa perspectiva, a urbanização brasileira, da sociedade e do território, se generaliza no terceiro terço do século XX, assim o nível da urbanização, o desenho urbano, as manifestações das carências da população, as realizações técnicas e as modalidades de uso do território nos diversos momentos históricos devem ser analisadas sob o viés dos subprocessos econômicos, políticos e socioculturais (SANTOS, 1993; CARLOS, 2007).

Portanto, o espaço é um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações que interagem, os objetos são artificiais ou humanizados, e são constituídos pela técnica ou apropriados por ela. O sistema de objetos corresponde a “toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou” (SANTOS, 2006, p. 73). Por outro lado, “as ações correspondem ao processo social que gera produtos, isto é, os objetos e ambos estão em constante transformação” (SAQUET; SILVA, 2008, p. 39).

Logo, o espaço é um híbrido composto de objetos-ações no qual o fenômeno técnico, junto com outros processos (econômicos, culturais e políticos) são condições históricas de mutação do espaço, desse modo o espaço e tempo metamorfoseiam-se um no outro. Por conseguinte, a hibridez do espaço conduz à noção de forma-conteúdo que é correlata da ideia de híbridos, porque une passado e futuro, função e forma, processo e resultado, objeto e sujeito, natural e social. De modo que, o espaço é o local da reprodução das relações sociais, assim sendo esse espaço é um somatório de fatos (SAQUET; SILVA, 2008; LEITÃO; LACERDA, 2016; LIMA-PAYAYÁ *et al*, 2021).

Mais, o espaço é totalidade, uma instância social, no mesmo nível das instâncias econômica, cultural, ideológica e política, outrossim, a dialética social não se concretiza somente no espaço, mas, também, com o espaço (QUEIROGA; BENFATTI, 2007). Não obstante, espaço e paisagem não são sinônimos “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento,



exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2006, p. 66). Assim sendo, “as paisagens são ações acumulativas do tempo no espaço, um dever de atividades compositivas e datadas [...] com qualidades naturais e técnicas [...], uma realização humana” (SANTOS, 2021, p. 10).

Consoante, ao se estudar a paisagem das cidades busca-se compreender os movimentos como realização humana no tempo e como apropriação cultural do território, todo esse processo ocorre numa combinação cotidiana de mutações e permanências, o antigo/tradicional e o novo/atual, que são percebidos na realidade da urbanização.

3. Metodologia

A opção pelo uso da pesquisa qualitativa numa abordagem fenomenológica tem o objetivo de chegar à essência do fenômeno aqui estudado, pois a fenomenologia tem a preocupação de descrever o fenômeno dirigindo-se para a experiência, nesse sentido “a fenomenologia emprega, necessariamente, uma forma de reflexão que deve incluir a possibilidade de olhar as coisas como elas se manifestam” (MARTINS; BOEMER; FERRAZ, 1990, p. 141).

Por certo, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, ou seja, uma experiência direta que é o melhor teste de verificação da ocorrência de determinado fenômeno, logo “o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado” (LÜDKE; ANDRÉ, 2018, p. 30). Em adição, se observa a paisagem urbana a qual é “compreendida como momento instantâneo que surge à primeira vista aos olhos do pesquisador, expressa relações e ações que propiciam uma investigação sobre a cidade” (CARLOS, 2007, p. 33).



Da mesma maneira, usa-se registros fotográficos feitos pelo pesquisador como indutores não escritos, tendo em vista que os indutores são unidades de um gigantesco repertório de operações simbólicas usados pelas pessoas nos seus contextos culturais, de outra forma, o processo fotográfico tem acoplado saberes paralelos os quais devem ser observados e refletidos para complementarem a informação visual da foto, pois, as fotos localizam o sujeito numa temporalidade subjetiva vivida (REY, 2010; IPIRANGA, 2016). O uso de registros fotográficos permite ao pesquisador analisar a paisagem habitada numa temporalidade subjetiva e de acordo com o contexto cultural local. As fotografias desse artigo foram feitas pelo autor no ano de 2022.

O lugar da pesquisa é a cidade de Bragança, conhecida como “Pérola do Caeté”, Bragança está localizada na zona costeira da mesorregião do nordeste do estado do Pará, em ambiente estuarino do baixo curso da Bacia Hidrográfica do Rio Caeté, essa é uma área com abundância de florestas de mangues e de biodiversidade, com alta produtividade de pescado, o município é o terceiro maior produtor de pescado do estado do Pará. O Rio Caeté corta vários municípios paraenses: Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Ourém, Tracuateua e Santa Luzia do Pará, sendo que Bragança ocupa 52% da área total da Bacia Hidrográfica do Rio Caeté (GORAYEB; LOMBARDO; PEREIRA, 2009; ICMBIO, 2012; COSTA, 2017; SOARES, 2021).

Na foto da figura 1 se tem uma perspectiva da orla do rio Caeté na cidade de Bragança, os barcos trazem pescado e produtos da floresta os quais são comercializados na beira da orla e na feira livre que fica a poucos metros da área de desembarque. Também, na orla estão localizados prédios que são utilizados na expressão cultural da marujada característica das festividades de São Benedito santo padroeiro de Bragança, também existem ao longo da orla bares, restaurantes, residências, hotéis, cartório, supermercados e comércios diversos. Assim sendo, na orla é possível contemplar o rio Caeté e vários espaços urbanizados.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Figura 1: Cidade de Bragança/PA - Orla do Rio Caeté.



Fonte: Autor (2022).

A pesquisa é realizada considera-se que o mundo que se pretende investigar está ali de maneira prévia antes de qualquer abordagem analítica que se possa fazer dele, ademais é artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligam sensações aos aspectos perspectivos do objeto, não obstante, ambos são justamente produtos da análise, logo “a reflexão é um sistema de pensamentos tão fechado quanto a loucura, com a diferença de que ela se compreende a si mesma e ao louco, enquanto o louco não a compreende” (MERLEUA-PONTY, 1999, p. 5).

4. Resultados

A cidade de Bragança localizada no nordeste paraense, as margens do rio Caeté é uma mais antigas do estado do Pará, e, possui importância significativa na rede urbana regional, o que ocorre desde o período colonial através da navegação costeira entre Belém-PA e São Luís-MA, e depois com a Estrada de Ferro de Bragança, no momento atual o município exerce papel de centro urbano-regional no Nordeste Paraense, porque Bragança é um ponto estratégico às



atividades da pesca (artesanal e empresarial/industrial) a qual gera fluxos de mercadorias, pessoas e capital, o que repercute em relações comerciais intermunicipais, interestaduais e internacionais (SAKAGUCHI; RIBEIRO, 2020).

O processo histórico de urbanização esboça as formas atuais das cidades, o que repercute em várias consequências de ordem social e ambiental, em adição no processo de urbanização da Amazônia as cidades são caracterizadas como “cidades na floresta”, porque o ecossistema florestal, como espaço de exploração econômica, possui relação com os novos valores da vida urbana, a cidade de Bragança é um exemplo de cidade na floresta (SILVA *et al*, 2017). Na feira-livre de Bragança às margens do rio caeté encontra-se diversos produtos do ecossistema florestal, os quais movimentam a economia local e regional, e aproximam o urbano do rural.

Ao se interpretar a realidade social e cultural dos sujeitos que habitam Bragança não se deve fazê-lo como uma dicotomia entre natureza e cultura como um construto cultural, ao contrário deve-se ultrapassar a noção de uma natureza fixa e imutável para um entendimento como um híbrido cultura-natureza. Logo, de acordo com Ingold “a ciência e a tecnologia estão profundamente arraigadas na sociedade [...], elas produzem não só a sociedade como a própria natureza: o mundo natural – incluindo-se, aqui, o homem, *locus* onde o natural e o cultural se encontram” (VELDEN; BADIE, 2011, p. 18).

Nesse entendimento, o processo de urbanização da Bacia Hidrográfica do Rio Caeté é produto de uma maior concentração populacional nessa região o que repercute num maior uso dos recursos naturais e vários impactos ambientais, por exemplo a degradação ambiental acentuada no leito do rio, a poluição das águas, o assoreamento provocado por aterros urbanos e a disposição irregular dos resíduos sólidos (Figura 2) (GORAYEB; LOMBARDO; PEREIRA, 2009).

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS



22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Bragança encontra-se envolvida por uma variedade de recursos hídricos os quais ficam a margem da dinâmica da cidade/urbano, dessa forma, por exemplo o Rio Cereja nasce na entrada da cidade e atravessa vários bairros da até desaguar no Rio Caeté, assim o Rio Cereja é considerado o principal rio totalmente inserido no município e passa por grandes passíveis ambientais (SANTOS; SOUSA JUNIOR, 2012).

Figura 2: Despejo de esgoto e lixo sem tratamento no Rio Caeté em trecho urbano – Bragança - PA.



Fonte: Autor (2022).

Além disso, “onde quer que algo viva, a infraestrutura do mundo ocupado está se separando ou desgastando, incessantemente erodida pelo tatear de habitantes, tanto humanos quanto não humanos, conforme reincorporam e reorganizam seus fragmentos em ruínas em seus próprios modos de vida (INGOLD, 2015, p. 192).

Consoante, ao habitar as áreas próximas ao rio Cereja “a população utiliza as águas do rio para diversas atividades como banho, lavar roupa e em alguns lugares até para beber. No passado, o rio já foi usado como fonte para distribuição de água para a cidade” (SANTOS;

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

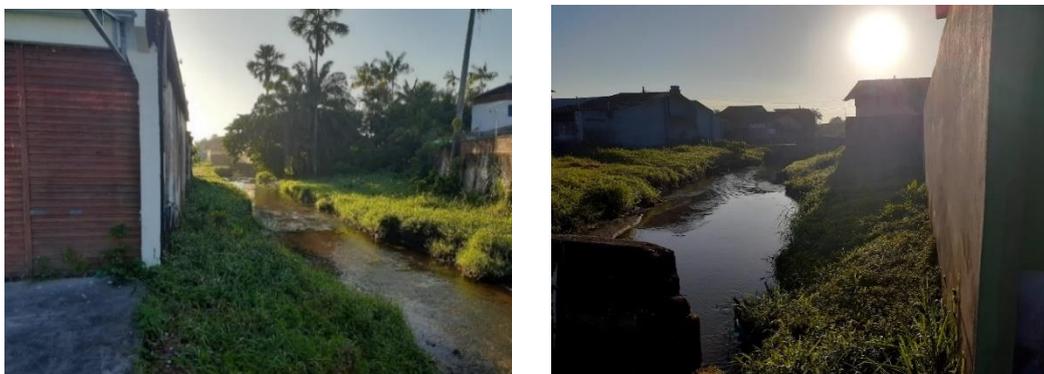
WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

SOUSA JUNIOR, 2012, p. 2). Mas, constrói (figura 3) suas habitações e seus empreendimentos nas margens, além disso despeja efluentes no rio.

Figura 3: Casas/prédios as margens do Rio Cereja.



Fonte: Autor (2022).

Esse processo social está imbricado na paisagem, porque a paisagem é o espaço no qual os seres humanos habitam e transformam com a utilização de seu trabalho prático e simbólico, dessa forma a noção de paisagem (ou de meio ambiente) transformou-se com a mudança da noção de uma natureza una e objetificada e que se referia de modo limitado ao suporte físico e material objetivo das atividades humanas (VELDEN; BADIE, 2011).

Contudo, no *Lebenswelt* (mundo vivido), homem e mundo existem em recíprocas estruturas, nessa perspectiva elimina-se a visão de homem dicotomizada em interioridade e exterioridade, e o humano mistura-se na “geleia geral” a qual compõe o mundo e singulariza o homem com suas ações, nessa realidade é na fenomenologia que se abre a busca da “compreensão de todos os fenômenos emergentes, relacionados ao fenômeno estudado, numa compreensão de homem-mundo onde o homem é feito do mesmo estofado do mundo, o mundo é homem e o homem é mundo” (MOREIRA; CAVALCANTE JUNIOR, 2008, p. 257).

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS 2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

Outrossim, o mundo é um movimento total de devir que se constrói nas formas que vemos, desse modo cada forma toma forma em uma relação continua com aqueles que a cercam, então a diferença entre o animado e inanimado parece dissolver, e o mundo assume o caráter de um organismo e o movimento dos humanos e não humanos são partes do processo de vida desse organismo, isso significa que ao habitar o mundo as ações humanas não transformam o mundo, mas são parte da própria transformação do mundo (INGOLD, 2000).

Porém, a paisagem (*landscape*) é pensada por meio de vários processos que se manifestam na passagem do tempo, esses processos são registros da diversidade de atividades de “gerações de seres, incluídos aí seres humanos, animais e plantas, assim como ciclos geológicos e atmosféricos. Paisagens estão intimamente relacionadas à temporalidade; são histórias e nos oferecem modos de contar histórias mais profundas sobre o mundo” (BAILÃO, 2016, p. 1).

Entretanto, a paisagem não é a mesma coisa que natureza, também não está do lado da humanidade em oposição a natureza, ao contrário o ser humano ao habitar e viver na paisagem faz parte dela, de modo semelhante em um mundo concebido como natureza, com outros componentes além do humano se forma uma totalidade na qual todos humanos e não humanos interagem entre si e cada componente envolve dentro da sua essência a totalidade dessas relações. Assim sendo, considera-se a paisagem não como cenário externo acabado ou como imagens mentais, porém como um mundo produzido e em constante transformação com ações e movimentos humanos e não-humanos (BAILÃO, 2016; INGOLD, 2021).

Por isso, ao habitar o mundo não se pode pensar que o ser humano só destrói o mundo, porque o mundo é o meio natural e também aquilo representamos, como coparticipantes, desse modo pode-se elaborar uma concepção do ser humano como um nexos singular num campo de relacionamentos com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999; INGOLD, 2015).



5. Conclusões

A urbanização é um processo que precisa contemplar a sustentabilidade do ambiente natural e as necessidades sociais da vida cotidiana, nesse sentido ao efetivar a ação de urbanizar o homem habita a paisagem de maneira material e imaterial, assim sendo ao habitar o ser humano constrói não só estruturas, mas elabora conhecimentos para significar sua vida na paisagem.

Ao habitar o mundo o ser humano se apropria da natureza, por meio de atividades, com as quais transformam a paisagem, entretanto ao mesmo tempo o mundo é também, coparticipante dessa transformação. Essa é a percepção que se deve ter da experiência intersubjetiva das interconexões de todos os fenômenos entre natureza e sociedade, nessa realidade a solução dos problemas ocasionados pela urbanização que repercutem na crise socioambiental (como a poluição de rios) devem ser sustentáveis, pois depende-se dos ciclos da natureza.

Em síntese, o mundo é um contínuo devir no qual todos, humanos e não humanos, são atuantes no processo de transformação, contudo é uma questão de sobrevivência perceber qual transformação ocorre e como mudar o sentido dessa mutação da paisagem para criar uma nova realidade sustentável para o mundo. É nessa perspectiva que se entende o habitar a paisagem da Pérola do Caeté.

6. Referências bibliográficas

ÁLVARES, L. C.; DIAS, P. L. C. Novos paradigmas para a paisagem contemporânea: planejamento ambiental e forma urbana na cidade amazônica. **Novos Cadernos - NAEA**, v. 11, n. 2, p. 123-138, dez. 2008.

BAILÃO, A. Paisagem - Tim Ingold. *In: Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold> Acesso em: 15 mar. 2022.



CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: FFLCH, 2007.

COSTA, F. E. V. **Gestão dos recursos hídricos na bacia hidrográfica do rio Caeté / Pará – Brasil**. 2017. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2017.

FREITAS, L. A. A.; FREITAS, A. L. C. De Marx a Gramsci: em busca da contra-hegemonia. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI, 1.; JORNADA REGIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ANTONIO GRAMSCI, 7., **Anais...** Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016, p. 1-15. Disponível em: <http://www.ggramsci.faced.ufc.br/wp-content/uploads/2017/06/DE-MARX-A-GRAMSCI-EM-BUSCA-DA-CONTRAHEGEMONIA.pdf> Acesso em: 03 fev. 2022.

GORAYEB, A.; LOMBARDO, M. A.; PEREIRA, L. C. C. Condições ambientais em áreas urbanas da bacia hidrográfica do rio Caeté - Amazônia Oriental - Brasil. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, v. 9, n. 2, p. 59-70, 2009.

ICMBIO. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Plano de manejo da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (PA) - Volume I: Diagnóstico**. Brasília: 2012.

INGOLD, T. **The perception of the environment**: essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, T. A temporalidade da paisagem. *In*: Bessa, A. S. M. (Org.). **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021, p. 110-157.

IPIRANGA, A. S. R. A imagem fotográfica como uma questão de método. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., **Anais...** Porto Alegre, 2016, p. 1-17.

LEITÃO, L.; LACERDA, N. O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. **Cadernos MetrÓpole**, v. 18, n. 37, p. 803-822, set./dez. 2016.



LENCASTRE, M. P. A. Fenomenologia biológica, conhecimento e linguagem o contributo de Tim Ingold para uma ecologia sensível. **Trabalhos de Etnologia e Antropologia**, v. 46, p. 31 – 46, 2006.

LIMA-PAYAYÁ, J. S. *et al.* Espaço e lugar, urbano e rural: demarcando conceitos necessários à investigação da cidade pequena. **Ciência Geográfica**, v. 25, n. 1, p. 383-394, jan./dez. 2021.

LIMONAD, E. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **GEographia**, v. 1, n. 1, p. 71-91, 1999.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2018.

MARTINS, J.; BOEMER, M. R.; FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa algumas considerações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 24, n. 1, p. 139-147, abr. 1990.

MERLEUA-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIGLIORINI, J. M. (Org.). **O essencial da arquitetura e urbanismo**. [recurso eletrônico]. Ponta Grossa: Atena, 2018. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2018/10/E-book-O-Essencial-da-Arquitetura-e-Urbanismo.pdf> Acesso em: 26 jan. 2022.

MOREIRA, V.; CAVALCANTE JUNIOR, F. S. C. O método fenomenológico crítico (ou mundano) na pesquisa em psico(pato)logia e a contribuição da etnografia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 8, n. 2, p. 249-265, 2008.

MÜLFARTH, R. C. K. **Arquitetura de baixo impacto humano e ambiental**. 2002. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

QUEIROGA, E. F.; BENFATTI, D. M. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, n. 24, p. 81-88, 2007.



REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SAKAGUCHI, A. K.; RIBEIRO, W. O. A atividade pesqueira e a centralidade urbano-regional de Bragança/PA. **Formação (Online)**, v. 27, n. 51, p.177-207, 2020.

SANTOS, I. J. Fenomenologia(s) da paisagem: uma descrição situacional ontológica. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 14., 2021. **Anais...** ENANPEGE [VIRTUAL], 2021, p. 1-15. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA116_ID303003112021210934.pdf Acesso em: 18 fev. 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.

SANTOS, M. R. S.; SOUSA JUNIOR, C. N. Caracterização ambiental dos recursos hídricos no município de Bragança, Pará. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 3., 2012. **Anais...** Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012, p. 1-5.

SAQUET, M. A.; SILVA, S. S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, v.2, n.18, P. 24-42, 2008.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z, (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.

SCHLEE, M. B. *et al.* Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras - um debate conceitual. **Paisagem Ambiente: Ensaios**, n. 6, p. 225-247, 2009.

SILVA, C. A. *et al.* Gestão do espaço urbano, problemas socioambientais e sua relação com o lixo instalado na cidade de Bragança Pará. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 8., 2017. **Anais...** Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017, p. 1-8.

PUC-Campinas EESC USP Comitês PCJ

APRESENTAM:

SUSTENTARE & WIPIS2023

WORKSHOP INTERNACIONAL

SUSTENTABILIDADE, INDICADORES E GESTÃO DE RECURSOS HÍDRICOS



22/11 evento
23/11 100% online
24/11 e gratuito

SOARES, M. C. **Análise espaço-temporal de ocupação do solo na área de influência da PA-458, zona costeira no município de Bragança-PA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Bacharel em Engenharia Ambiental e Energias Renováveis, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2021.

VELDEN, F. V.; BADIE, M. C. A relação entre natureza e cultura em sua diversidade: percepções, classificações e práticas. **Avá. Revista de Antropología**, n. 19, p. 15-47, 2011.

WEHMANN, H. E. **Habitar a paisagem:** o reconhecimento da experiência estética como direito à cidade. 2019. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.